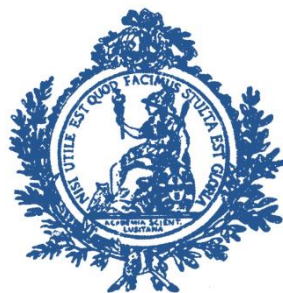


Mário Júlio de Almeida Costa

NELSON MANDELA. O VALOR DA PAZ



ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA

CLASSE DE LETRAS

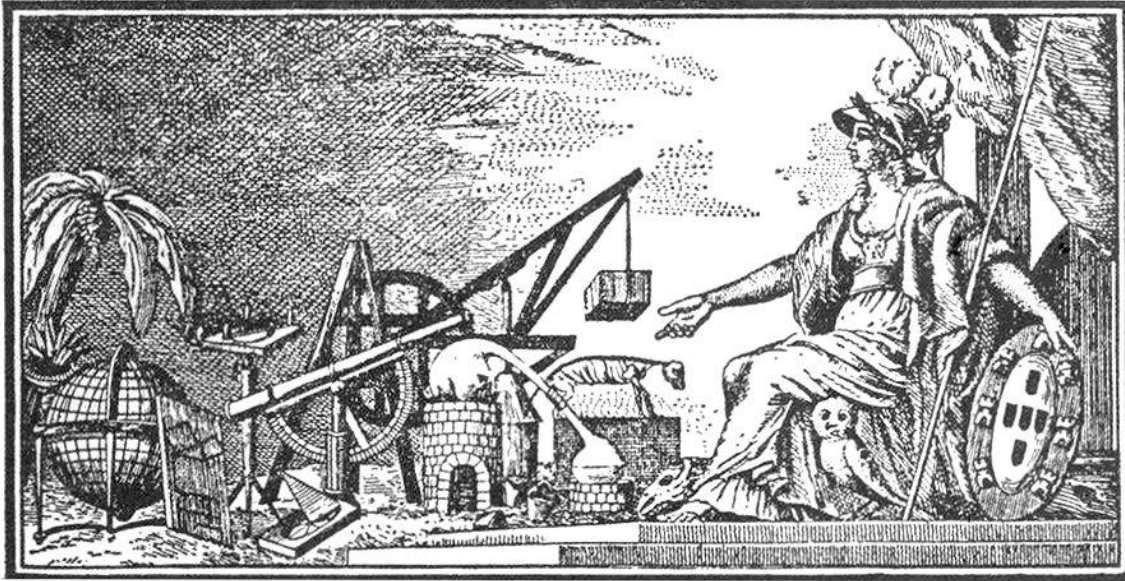
Mário Júlio de Almeida Costa

NELSON MANDELA. O VALOR DA PAZ



ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA

CLASSE DE LETRAS



NELSON MANDELA. O VALOR DA PAZ

Mário Júlio de Almeida Costa

Quiseram que a minha voz, singela e breve, se fizesse ouvir nesta cerimónia soleníssima. O entendimento e o sentimento não permitiram que enjeitasse a honra enorme.

Com efeito, a sala onde nos encontramos, coração de uma das mais prestigiosas instituições científicas e culturais portuguesas, carregada de História, na sua traça arquitectónica e decoração atractivas, jamais será a mesma. Sempre se poderá dizer que foi nela prestada Homenagem, na pessoa da sua distinta Esposa, Senhora Doutora Graça Machel, como Académico de Honra, ao detido número 46664 de uma cela que, verdadeiramente, não pertence a uma país, mas consubstancia o injusto e negativo do Mundo inteiro.

E que melhor ensejo do que esta reunião conjunta da Academia das Ciências de Lisboa e da Academia Brasileira de Letras? Como que se potencia o evento.

Não se esquecem os inúmeros protagonistas ilustres da cena científica, cultural, artística ou política que têm prestigiado a Academia das Ciências de Lisboa. Todavia, o Presidente Nelson Mandela suscita uma reflexão que atinge o mais profundo e autêntico de cada um.

O tempo contido que devo tomar a VV Ex^{as} impede o recurso a biógrafos notáveis que procuram surpreender, sob ângulos diversos, inclusive, com expressivas evocações de figuras mitológicas, a vida de Nelson Mandela, desde a infância e a adolescência até ao político realizado. Desde o cativo até ao envolvimento total do seu prestígio para dissuadir os que pretendiam a vitória pela força do sangue. Nem faltam revelações sobre a sua cultura jurídica e o seu empenho artístico. Dispomos, enfim, de depoimentos e sugestões indispensáveis para o conhecimento exacto de Nelson Mandela. O que fica patente é o juízo unânime sobre a sua personalidade forte e a sua dimensão moral.

Também omitirei os conhecidos rasgos de talento, de compreensão e de paciência que lhe permitiram, sem tergiversão, superar negociações por muitas consideradas impossíveis. Foi o herói, digo bem, o herói que conduziu o seu país a uma convivência fraterna e de consensos alargados.

O que não desisto é de insistir no Homem que, por fidelidade a ideais, sofreu corajosamente longos anos de reclusão dolorosa, saindo do cativo sem ódios ou ressentimentos, mas, pessoa sensível, com a amargura íntima de não ter acompanhado de perto o crescimento dos filhos. De insistir no Homem que realizou os anseios de paz e de concórdia que nunca o abandonaram. De insistir no Homem que sabe para que serve a vida.

Trata-se, em definitivo, de um dos maiores vultos morais do nosso tempo, luzeiro para todo o Mundo, que faz acreditar numa Humanidade melhor, que já atingiu os cumes do enaltecimento. Antes, isso sim, que enaltece e honra os povos e as instituições que dedicadamente o acolhem. E quem não estima saudar Nelson Mandela?

A simples enumeração das supremas distinções que vem recebendo, por exemplo, de Universidades e de Academias celebradas, levar-nos-ia a uma viagem imensa através de todos os Continentes. Inscrevemo-nos, agora, neste itinerário.

A História nunca se desfaz, nem se esconde. Deve assumir-se. Nós, Portugueses, que apenas com um punhado de homens rasgámos os mares, construímos uma epopeia, onde, fora de dúvida, haverá momentos de idealismo e de pragmatismo, de heroísmo e de desânimo, de encanto e de desencanto, luminosos e ruins.

Seja lícito, porém, admitir que a essa epopeia esteve subjacente um espírito que permite, como se lê algures, durante a noite, ver as estrelas e não as sombras, e, durante o dia, recordar satisfações e não tristezas.

A linha de pensamento recorrido concita a que se exalte, ainda uma vez, a personalidade ímpar do nosso homenageado de hoje, que, pela sua formação e pelo seu caminho, se mostra capaz de olhar mais as estrelas do que as sombras da noite. É que não desiste de tudo fazer em prol de um presente e de um futuro justos e dignos dos homens.

Declarou Mandela, vai para poucos meses, no Hyde Park de Londres, perante milhares e milhares de jovens que o aclamavam, que o seu trabalho pelos valores humanos não estava concluído. Impressiona como atrai as gerações mais recentes, que parecem sentir que lhes deixamos paradigmas para se orientarem em tempos de indefinição e incerteza que as esperam. Quantos, da idade madura que passa, ficarão, assim, menos intranquilos com o que, a seu turno, fizeram ou não fizeram – e porquê. Eis o último tópico de meditação que me acode.

Impõe-se, na verdade, que termine, solicitando à Senhora Doutora Graça Machel, minha Senhora, que aceite e transmita ao Presidente Nelson Mandela, seu Marido, como se tivesse podido estar fisicamente connosco, saudações respeitosas e a expressão completa do tributo que lhe prestamos. Tributo sereno, autêntico e de reconhecimento.

Bem haja!

(Palavras proferidas na Sessão de Proclamação de Nelson Mandela como Sócio de Honra da Academia das Ciências de Lisboa, em 13 de Novembro de 2008. Testemunharam o acto anteriores Chefes de Estado, altos dignitários de actuais órgãos de soberania, além de outras figuras destacadas da intelectualidade e da vida pública).